

CRÓNICA 373. O QUE MUDOU AGORA QUE JÁ SE FOI O NATAL DEZ 2020

Agora que o natal acabou com troca de compota nas escadas ao pequeno-almoço ou no pátio como sugeriu a DGS, ainda não podemos tirar a máscara covidesca nem confraternizar, nem levar a vida normal que se levava em 2019, todos a fingir que isto vai ficar bem um dia. Com vacina ou sem vacina nunca se sabe se esse dia chegará, se não virão mais mutações deste ou novos vírus, novos ataques às liberdadezinhas que à pala do COVID nos foram retirando sem muitos queixumes, pois era tudo por causa de um bem maior e à pala de cuidarem da saúde trataram mesmo da saúde mental que nos afetará daqui para a frente. E virá a fome, a miséria, o desemprego e com a pouca saúde que restar, sociedades desmanchadas, economias destruídas, países destroçados, famílias desfeitas, proibidos os afetos e celebrações religiosas, rejubilemos pois, felizmente, a Constituição da República permite a vida partidária, congressos e outras reuniões políticas mesmo em pandemia. Até pensei chamar ao meu dia de anos Congresso Partidário...

O único ponto positivo é que já podemos voltar a andar à lambada, pois passou a época dos beijos, abraços e prendinhas e não é preciso fingir ser simpático para a tia Gertrudes que sempre foi uma grande parva, ou para a vizinha Desidéria que é uma cusca sempre à janela a dizer mal dos outros. Não preciso fingir que somos amigos, nem mesmo daquele grandessíssimo filho da mãe que me prejudicou e eu, durante anos, a pensar que era o melhor amigo... Não preciso fingir que gosto de toda a gente, pois obviamente não gosto, mas também não disfarço que são amigos de peito quando somos “amigos” no Facebook, e aí a palavra amigo significa “conhecido”, embora eu não conheça pessoalmente nem de vista a grande maioria nem esteja interessado.

Isto faz lembrar a história daquele senhor que era tão popular que nem podia ter mais amigos nas redes sociais, mas no enterro só estava o coeiro e o senhor da casa funerária.

Pois bem agora que deitamos fora a máscara da hipocrisia e só ficamos com a máscara do Covid-19 que tal uma promessa de ano novo, daquelas que todos os anos repetimos para nunca serem cumpridas, mais ou menos como a promessa de “*para o ano vou deixar de fumar*”... Eu há muito que decidi cumprir a minha promessa de não fazer fretes a ninguém, nada faço que me incomode ou amofine mas com a cortesia suficiente para viver em sociedade, nada mais. Cresci em ambientes de fingimento e de faz de conta que, como sabemos, constituem a espinha dorsal da hipocrisia da sociedade contemporânea portuguesa. Ao abdicar dessas regras passei a ser “persona non-grata” ou meramente antipática, se bem que bastante mais coerente do que fora em tempos idos. Assim, evitei mal-entendidos dizendo, quando necessário, o que devia ser dito.

Agora que o natal acabou, posso continuar a ser solidário todo o ano sem os holofotes natalícios sobre mim. Continuo a poder ansiar por mais um ano sem guerras nem violência, da qual sempre fugi jamais me tendo envolvido em confrontações físicas. Não entendo a sociedade atual, nem a sua falta de princípios, de educação, de cortesia e respeito pelo próximo, vivemos dias de egoísmo exacerbado, de verdades únicas e indiscutíveis do pensamento dominante, de cinzentismo que impõe normas e padrões obrigatórios em nome de uma pseudo-purificação das nossas imperfeições e nos conduz como carneiros obedientes ao matadouro que nos reservaram.



Virão mais desastres por alterações climáticas, normais ou induzidas pelo homem e pelos próprios ciclos da natureza. Haverá mais refugiados, mais racismo, mais discriminação, mais fascismo, menos respeito pelos direitos humanos, mas pode ser que sobrevivamos. E como disse Antoine de Saint-Exupéry “*Em cada um de nós há um segredo, uma paisagem interior com planícies invioláveis, vales de silêncio e paraísos secretos*”. Espero, se a tanto me ajudar o engenho e arte, o novo ano

assista à produção de mais poesia pois é “*uma arma carregada de futuro*”, como escreveu Gabriel Celaya¹ e é ela que comanda a minha vida ainda entremeada de utopias que teimo em fazer acontecer.

Em 2021 celebrarei 20 anos de colóquios da lusofonia, com 32 edições realizadas e duas adiadas pela pandemia e espero que os dois médicos que cuidam da minha cara-metade consigam mantê-la sobreviva por mais tempo. Grato ao Dr Carlos Pavão e Dr Roberto Bento de Sousa. Numa altura em que todos se queixam do SNS eu agradeço a esses clínicos que permitem que a esperança ainda viva em nós.



Chrys Chrystello, Jornalista,

Membro Honorário Vitalício nº 297713 [Australian Journalists' Association MEEA]

Diário dos Açores (desde 2018)

Diário de Trás-os-Montes (desde 2005)

Tribuna das Ilhas (desde 2019)

Jornal LusoPress Québec, Canadá (desde 2020)

¹ Gabriel Celaya – “La Poesía Es un Arma Cargada de Futuro”, com tradução ao português pelo lusitano José Bento –, que veio a lume em 1955, inserida que estava na obra “Cantos Íberos”.